

# **O ENSINO DE ARTE NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: UMA REFLEXÃO ATRAVÉS DA PRÁTICA DOCENTE.**

Pamela Cristina Aparecida **CARVALHO**<sup>1</sup>  
Me. Marco Antônio João **FERNANDES JUNIOR**

## **RESUMO**

Este artigo é uma pesquisa cartográfica com base na vivência de uma professora/pesquisadora que utilizou como referência uma obra do escritor Rancière, “O Mestre Ignorante”, que nos leva a refletir a emancipação dos alunos dentro da sala de aula e a “ignorância” do professor. Esta pesquisa se desenvolveu no contexto da pandemia da Covid- 19, e nos trouxe a realidade das aulas remotas e com ela a dificuldade de se desenvolver aulas práticas dentro da disciplina de arte. O artigo tem por objetivo apresentar como a professora/pesquisadora e alunos do 9ºano do Ensino Fundamental de um colégio particular buscaram em conjunto alternativas para realizar um trabalho prático a partir dos estudos sobre o cubismo fazendo uso de TDIC.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Ensino de Arte; Pandemia da Covid-19; TDIC

### **1. Introdução.**

Desde o início do ano 2020, já era observado por diversas mídias que a Covid-19 estava se disseminando no mundo. No Brasil, em março registrou-se a primeira vítima, desde então, Decretos da suspensão de atividades econômicas, sociais, educacionais, são publicados na tentativa de conter a rápida proliferação do vírus.

A paralisação das atividades, no caso da educação, não significou um período de “folga” para professores e alunos. Escolas e universidades, principalmente as privadas, determinaram que as atividades presenciais deveriam ser transpostas para um modelo de educação remota enquanto durasse a crise sanitária.

O ensino remoto foi uma alternativa temporária, para que as instituições de ensino pudessem dar continuidade às aulas, por conta disso, os professores tiveram em um curto período de tempo que se adaptar e aprender a utilizar novas metodologias de ensino com consonância com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). De igual modo, a mesma resiliência também foi exigida dos alunos. Ainda que, Marc Prensky (2001) tenha julgado que os jovens de hoje, por ele denominados nativos digitais, tenham uma familiaridade com a tecnologia por terem nascido nesse contexto de usos de aparelhos com

---

<sup>1</sup> Graduanda em Artes da Faculdades Integradas Regionais de Avaré - FIRA - 18700-902- Avaré SP Brasil. [pamela\\_criss12@hotmail.com](mailto:pamela_criss12@hotmail.com).

acesso à internet, o contexto pandêmico foi uma novidade trágica para todos, o que aparentemente os colocou na mesma situação dos professores. Essa relação entre professores e alunos no contexto pandêmico, de muitas dúvidas e incertezas, parecem se equivaler a relação entre professor e alunos na obra “O mestre Ignorante” de Rancière (2002). Na obra, Rancière evoca o método de ensino do educador francês Joseph Jacotot (1770-1840), que consistia no princípio de que todo ser humano é emancipado intelectualmente, sem obedecer a uma hierarquia de saberes.

É pensando neste contexto no ensino remoto que surgiu o problema: Como realizar as atividades práticas? Sendo elas consideradas um dos eixos da abordagem triangular do ensino de Arte, proposto pela Ana Mae Barbosa, que orientam muitas diretrizes e referenciais curriculares.

A partir da problemática elencada e do contato com a obra de Rancière (2002) o presente trabalho procura apresentar como a “ignorância” entre a professora/pesquisadora e alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de um colégio particular buscaram em conjunto alternativas para realizar um trabalho prático a partir dos estudos sobre o cubismo fazendo uso de TDIC.

Para atender ao objetivo da pesquisa, a opção metodológica consiste no método cartográfico (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012), pois não se está aqui interessado em criar representações, mas sim descrever processos de produção e relações de conhecimento.

## **2. A cartografia por opção metodológica**

Diante dos desafios e das vivências da professora/pesquisadora ao desenvolver seu trabalho no contexto da pandemia, optamos por realizar a partir de uma abordagem cartográfica, pois “trata-se de um método que não será aplicado, mas experimentado e assumido enquanto uma atitude de pesquisa” (COSTA, 2014). Além disso, Passos e Barros (2015) afirmam que toda pesquisa é intervenção, pois intervir é fazer um mergulho, aproximando o pesquisador do objeto, havendo uma interação sujeito-objeto de tal maneira que a pesquisa-intervenção aconteça quando o pesquisador se insere na pesquisa (PASSOS; BARROS, 2015).

Para Kastrup (2015) a cartografia é se lançar em busca de informações, rastrear aquilo que se deseja alcançar, mas também saber mudar de direção quando preciso.

(...) praticar a cartografia envolve uma habilidade para lidar com metas em variação contínua. Em realidade, entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde. Para o cartógrafo, o importante é a localização de pistas, de signos de

processualidade. Rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo. O rastreio não se identifica a uma busca de informação. A atenção do cartógrafo é, em princípio, aberta e sem foco, e a concentração se explica por uma sintonia fina com o problema. (KASTRUP, op.cit, p. 40 (2015))

Nesse sentido, a falta de recursos, o distanciamento social, as aulas remotas, entre outros desafios que se impunham a docência, o olhar cartógrafo da professora/pesquisadora concentrou-se na prática artística, pois, a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2012) tida como um grande referencial orientador para o ensino de Arte tem como um de seus eixos o *fazer artístico*, interligado aos demais eixos da *apreciação e contextualização* ou seja, o ensino de arte é sustentado por três pilares: conhecer a história da arte (contextualização), apreciar produções artísticas e pelo fazer artístico.

O fazer artístico é uma das formas de aprender e estimular a criatividade. Nesse sentido, cartografar o fazer artístico dos alunos durante uma aula remota constituiu-se no foco de atenção em sintonia com o problema da pesquisa.

### **2.1 O contexto de produção dos dados**

Os dados da pesquisa foram produzidos durante o mês de agosto do ano de 2020 com 21 alunos no 9º Ano do Ensino Fundamental de uma escola particular localizada no município de Cerqueira César - SP onde a pesquisadora atua como professora. Ao todo foram dois encontros/aulas com duração de 50 minutos.

Conforme o currículo do ensino fundamental anos finais, o tema da aula foi sobre o Cubismo, iniciou-se com a apresentação do contexto histórico das vanguardas, que aconteceu na primeira metade do século XX e caracterizou-se por grandes mudanças na arte, por consequência das mudanças ocorridas na sociedade da época, Guerras Mundiais e a Grande Depressão econômica da década de trinta, que exerceram decisivo impacto econômico e psicológico no mundo inteiro, afetando diretamente a produção artística.

Prosseguiu-se com a explicação sobre o movimento, que, Segundo Baugman (2011), surgiu por volta de 1907, em Paris, com a Obra de Pablo Picasso chamada “As senhoritas de Avignon”, a obra causou um grande impacto por conta da ousadia de Picasso, pois na obra, fundo e corpos se confundem com formas geométricas, e não foi diferente com os alunos, que estranharam com a maneira pela qual Picasso retrata as pessoas na Obra.

Além de “As senhoritas de Avignon”, os alunos observaram outras obras de Picasso, além de obras dos demais artistas deste movimento, como Georges Braque, Candido

Portinari, Tarcila do Amaral, entre outros, sempre observando as características principais, que dentre outras, a geometrização se destaca.

O termo cubismo surgiu quando um crítico de arte reduziu as obras a figuras geométricas e cubos, o movimento tem como principal característica a decomposição das figuras e teve como inspiração as obras do artista Paul Cézanne, porém, os artistas do cubismo queriam ir além, deixando assim de representar as coisas como eles realmente viam para representar algo que eles criariam.

A modernidade surpreendente da obra resulta de uma série de estratégias artísticas audaciosas. Corpos e fundo são reduzidos a formas geométricas. [...]. Picasso criou um plano decididamente horizontal, enfatizado por uma paleta de cores limitada e por sua opção por contornos para definir formas [...] (FARTHING, 2010, p. 392 apud BUGMANN, 2011, p. 137).

Após a explicação do movimento cubista e a atividade proposta, um debate se iniciou na aula, afinal, como seria desenvolvida a atividade sem que os alunos tivessem acesso a todos os materiais? Durante as argumentações, e evocando a obra “O mestre Ignorante” de Rancière (2002), os alunos foram incumbidos a encontrar alternativas para que a atividade pudesse ser acessível para todos os alunos.

Os alunos, depois de provocados, trouxeram algumas sugestões para a realização da atividade, dentre elas, a utilização de um aplicativo editor de imagens chamado Picsart, nele, cada aluno poderia utilizar imagens de rostos para realizar o retrato fazer seu autorretrato utilizando sua imaginação e o celular, tornando a atividade possível de ser realizada por todos.

Após uma consulta ao site [www.tecnoblog.com.br](http://www.tecnoblog.com.br) que é especializado em tecnologia, constatamos que sim, o aplicativo poderia ser utilizado para a realização da atividade, pois o mesmo, além de editar, embelezar e colocar filtro nas fotos, pode ser utilizado para fazer colagens e modificações nas imagens, conforme a atividade sugeria.

Durante a atividade pude perceber como a tecnologia é bem-vinda dentro da sala de aula, o próprio celular pode ser mais utilizado por conta de seus recursos e a praticidade, inclusive sua utilização dentro da sala de aula é apoiada pela UNESCO.

As tecnologias móveis, por serem altamente portáteis e relativamente baratas, ampliaram enormemente o potencial e a viabilidade da aprendizagem personalizada. Além disso, à medida que aumentam o volume e a diversidade de informações que os aparelhos móveis podem coletar sobre seus usuários, a tecnologia móvel torna-se capaz de melhor individualizar a aprendizagem. (UNESCO Digital Library\_2014).

## 2.2 O final do processo

Finalizado o processo criativo, os trabalhos foram socializados com a turma.

Figura 1- Trabalho da aluna M.



Fonte: Da autora

Para realizar este trabalho a aluna utilizou uma foto sua como fundo e selecionou da internet os outros elementos, como os olhos, a boca e o nariz.

Figura 2 – Trabalho da aluna A.L.



Fonte: Da autora

Ao realizar o seu autorretrato a aluna utilizou três fotos delas mesma.

Figura 3 – Trabalho da aluna A.L.



Fonte: Da autora

A aluna ao desenvolver o seu trabalho utilizou uma foto de mesma como fundo para a colagem dos outros elementos e segundo a aluna ela quis utilizar algumas referencias para que sua criação lembrasse o surrealismo também.

Figura 4 – Trabalho do aluno F.



Fonte: Da autora

Para realizar a sua criação o aluno não quis colocar a própria imagem, então buscou na internet as imagem.

Figura 5 – Trabalho do aluno E.



Fonte: Da autora

Neste criação o aluno optou por utilizar fotos de sua infância.

Figura 6 – Trabalho da aluna M. L.



Fonte: Da autora

A aluna utilizou fotos próprias para sua criação e podemos perceber o uso da máscara em uma parte do seu rosto, com a pandemia as máscaras foram cruciais para o controle do contágio.

Quando questionados de sobre a realização da atividade utilizando seus celulares, os alunos não apresentaram objeções, aqueles que não conheciam o aplicativo rapidamente se familiarizaram com ele. Se não fosse a intervenção feita com a sala esta atividade certamente seria descartada e, diante disso, percebemos a importância de dar voz aos alunos, e a partir das ideias de Ranciere, quanto mais instigamos os alunos a pensar, mais eles nos ensinam e aprendem.

Antes, não sabiam e, agora, sim. Logo, Jacotot havia lhes ensinado algo. No entanto, ele nada lhes havia comunicado de sua ciência. Não era, portanto, a ciência do Mestre que os alunos aprendiam. Ele havia sido mestre por força da ordem que mergulhara os alunos no círculo de onde eles podiam sair sozinhos, quando retirava sua inteligência para deixar as deles entregues àquela do livro. Assim se haviam dissociado as duas funções que a prática do mestre explicador vai religar, a do sábio e a do mestre. Assim se haviam igualmente separado, liberadas uma da outra, as duas faculdades que estão em jogo no ato de aprender: a inteligência e a vontade. Entre o mestre e o aluno se estabelecera uma relação de vontade a vontade: relação de dominação do mestre, que tivera por consequência uma relação inteiramente livre da inteligência do aluno com aquela do livro — inteligência do livro que era, também, a coisa comum, o laço intelectual igualitário entre o mestre e o aluno. Esse dispositivo permitia destrinchar as categorias misturadas do ato pedagógico e definir exatamente o embrutecimento explicador. Há embrutecimento quando uma inteligência é subordinada a outra inteligência. O homem — e a criança, em particular — pode ter necessidade de um mestre, quando sua vontade não é suficientemente forte para colocá-la e mantê-la em seu caminho. Mas a sujeição é puramente de vontade a vontade. Ela se torna embrutecedora quando liga uma inteligência a uma outra inteligência. No ato de ensinar e de aprender, há duas vontades e duas inteligências. (RANCIERE, 2002).

### **3. Considerações finais**

Esta pesquisa teve por objetivo refletir o papel de cada um dentro da sala de aula, mostrando que o professor não é detentor de todo o saber e que sim, está em constante formação, e também estar atento àquilo que os alunos podem acrescentar na aula a partir de suas experiências.

Esta crise, sem precedentes, coloca em evidência quem éramos, quem somos e nos questiona: quem queremos ser daqui para a frente. Em tempo de convergência digital as pessoas aprendem de formas diferentes. As possibilidades abertas pela tecnologia nos levam a repensar metodologias de ensino, de pesquisa e até mesmo a forma como as instituições educacionais se organizam.

#### 4. REFERÊNCIAS

**A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL: uma discussão necessária.** 2020 – disponível em <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/5fb9ae3d-b230-4d70-8dd1-0c5b0a883292-sem-identificao-artigo-vii-sip-educacao-em-tempos-de-pandemia-2020pdf.pdf>. Acessado em 11/10/2021

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BAUGMANN, Sandra Regina Claudio. **Gêneros de Pintura. Indaial:** Uniasselvi 2011.  
OLIVEIRA, T. R. M.; PARAISO, M. A. . **Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação.** Pró-Posições (UNICAMP. Impresso), v. 23, p. 56-70, 2012.

PASINI, C. G. D.; CARVALHO, E. de; ALMEIDA, L. H. C. **A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações.** Universidade Federal de Santa Maria. Observatório Socioeconômico da COVID-19. 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

PRENSKY, M. Trad. Roberta de Moraes Jesus de Souza. **Nativos digitais, Imigrantes digitais.** 2001. Disponível em: [http://api.ning.com/files/EbPsZU1BsEN0i\\*42tYnd650YRCrrtli8XBkX3j8\\*2s\\_/Texto\\_1\\_Nativos\\_Digitais\\_Imigrantes\\_Digitais.pdf](http://api.ning.com/files/EbPsZU1BsEN0i*42tYnd650YRCrrtli8XBkX3j8*2s_/Texto_1_Nativos_Digitais_Imigrantes_Digitais.pdf). Acesso em 8 nov 2021.

RANCIÈRE, J. **O Mestre Ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. **A educação em tempos de COVID19: ensino remoto e exaustão docente.** Práxis Educativa. Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020.

UNESCO. **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel.** Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>. Acesso em 12 de novembro de 2021